

VIOLAÇÃO DE MÁXIMAS CONVERSACIONAIS EM XIMAKONDE

VIOLATION OF CONVERSATIONAL MAXIMS IN XIMAKONDE

Valentim David Lionga

UniRovuma - Instituto Superior de Recursos Naturais e Ambiente, Campus de
Ncoripo, Moçambique

RESUMO

O presente artigo tem como tema a violação das máximas conversacionais na língua Makonde. Nos discursos dos falantes do Ximakonde, observa-se frequentemente a violação dessas máximas, especialmente em interacções orais entre os interlocutores. Este fenómeno linguístico manifesta-se, em geral, em contextos comunicativos do quotidiano. Com o objectivo de compreender os comportamentos linguísticos dos falantes do Ximakonde em relação às máximas conversacionais de quantidade, qualidade, relevância e modo, realizou-se um estudo voltado para analisar os discursos proferidos pelos falantes do Ximakonde tendo em conta as suas atitudes ou condutas linguísticas em relação as suas intenções comunicativas; como objectivos específicos: identificar as máximas conversacionais usadas no dia-a-dia; descrever as máximas conversacionais em contextos de uso real em Ximakonde; e explicar a importância do uso de máximas conversacionais na comunicação. Para alcançar esses objectivos, recorreu-se à pesquisa bibliográfica e à pesquisa de campo. Com base no estudo das conversas entre falantes do Ximakonde, conclui-se que estes revelam comportamentos linguísticos que violam, com frequência, as máximas de cooperação propostas por Grice (1975, 1982). Verificou-se ainda que alguns falantes violam intencionalmente essas máximas, o que indica a existência de estratégias comunicativas específicas.

PALAVRAS-CHAVE

Máximas. Quantidade. Qualidade. Relevância. Modo.

ABSTRACT

This article deals with the violation of conversational maxims in the Makonde language. In the speeches of Ximakonde speakers, there is a violation of conversational maxims. This linguistic phenomenon is normally observed in oral discourses in interaction between the addressees of the communication. In order to understand the linguistic behaviors of Ximakonde speakers in relation to conversational maxims of quantity, quality, relevance and manner, the study was carried out with the aim of analyzing the speeches given by Ximakonde speakers taking into account their attitudes or linguistic behaviors in relation to their communicative intentions; identifying the conversational maxims used in everyday life; describing the conversational maxims in contexts of real use in Ximakonde; explaining the importance of the use of conversational maxims in communication. To achieve these objectives, bibliographical research and field research were used. Therefore, after studying the conversations of Ximakonde speakers, it can be concluded that speakers of this language have shown linguistic

behavior that violates the conversational maxims of cooperation proposed by Grice (1975; 1982). Some speakers intentionally violate conversational maxims.

KEYWORDS

Maxims. Quantity. Quality. Relevance. Mode.

Introdução

O presente artigo aborda as máximas conversacionais em Ximakonde. O trabalho surge no âmbito da pesquisa feita no campo. O tema em alusão enquadra-se na área de pragmática, neste caso, fazendo o estudo do comportamento linguístico dos falantes e normas específicas de conduta linguística. O trabalho tem como objectivo geral analisar os discursos proferidos pelos falantes do Ximakonde tendo em conta as suas atitudes ou condutas linguísticas em relação as suas intenções comunicativas aquando do uso do Ximakonde.

Os objectivos específicos do trabalho são: a) identificar as máximas conversacionais usadas presentes nas interações entre do Ximakonde; b) descrever o funcionamento das máximas conversacionais em contextos de uso real em Ximakonde; c) explicar a importância do uso de máximas conversacionais na comunicação em Ximakonde. A escolha do tema deve-se ao facto de se observar, no dia-a-dia, o uso recorrente de expressões e enunciados que violam as máximas conversacionais por parte dos falantes das línguas em geral, e, em especial do Ximakonde. A experiência vivida pelo autor diante dessas violações despertou o seu interesse para a realização deste estudo com vista a analisar os contextos do uso das máximas e explicar a importância dessas máximas conversacionais.

A organização do artigo obedece à seguinte estrutura: introdução, breve historial do Ximakonde, comunicação como princípio de cooperação, máximas conversacionais, nomeadamente: máximas de quantidade, máximas de qualidade, máximas de relevância e máximas de modo; apresentação, análises e discussão de dados sobre as máximas conversacionais em Ximakonde; e a conclusão.

1. Revisão da Literatura

1.1. Breve historial do Ximakonde

Nesta secção pretende-se apresentar as diversas teorias que versam sobre a contextualização da língua Makonde, a comunicação e as máximas conversacionais. Tomando como referência o trabalho de Mpiuka e Liphola (2013), em Moçambique, o Ximakonde é predominantemente falado nos distritos de Macomia, Meluco, Mocimboa da Praia, Mueda, Muidumbe, Nangade e Palma. Além do Ximakonde, existem mais quatro variantes geográficas. O Ximakonde é falado na parte planáltica dos distritos de Mocimboa da Praia, Mueda, Muidumbe e Nangade; o Ximwambe é a variante falada no Planalto de Macomia e em parte do distrito de Meluco. Já o Ximwalu é a variante predominantemente falada ao longo da bacia do rio Mwalu, abrangendo a região nordeste do distrito de Muidumbe, norte do distrito de Macomia e extremo sul do distrito de Mocimboa da Praia.

O Xiyanga é a variante falada predominantemente na região central do distrito de Mocimboa da Praia. E, por fim, o Xindonde é a variante falada a nordeste do Planalto de Mueda, bem como a leste do distrito de Nangade,

incluindo o extremo noroeste do distrito de Palma. De acordo com o quadro de Dalsgaard (2005 *apud* Rego, 2012) sobre a distribuição das línguas em Moçambique, Ximakonde é uma língua falada por cerca de 233 mil pessoas, totalizando cerca de 1,5 % da população moçambicana.

1.2. Comunicação como um princípio de cooperação

Antes de se abordar das máximas conversacionais, é importante definir o processo da comunicação como uma actividade essencial para a vida em sociedade. Para Silva (2012, p. 6) “não é possível que pudéssemos sobreviver, quer enquanto indivíduos, quer enquanto comunidades, se não houvesse qualquer tipo de comunicação entre os seres humanos”.

De acordo com Silva (2012) citando Lima (2007), Paul Grice sugeriu que há um princípio de cooperação que rege a comunicação verbal. Esse princípio consiste no seguinte: “faz com que a tua contribuição para a conversação em que participas esteja de acordo, no momento em que ocorre, com o que é requerido pelo objectivo ou direcção dessa conversação”. Para Freitas (2025, p. 48) “o princípio cooperativo refere-se ao ajuste da contribuição de cada participante ao contexto e ao objetivo da conversa, facilitando a construção mútua de sentido”.

O princípio de cooperação é susceptível de ser elucidado em diferentes aspectos que são as máximas conversacionais de Grice: máxima da quantidade, máxima da qualidade, máxima da relação e máxima da maneira. Silva (2012), destaca que estas quatro máximas geralmente regulam o desenvolvimento de qualquer interacção verbal. A secção que se segue são apresentadas as descrições de cada máxima, mas antes são definidas as máximas conversacionais de modo geral.

1.3. Máximas conversacionais

Para Freitas (2025), as máximas conversacionais, formuladas inicialmente pelo filósofo Herbert Paul Grice (1913–1988), constituem princípios fundamentais que orientam as interacções verbais, ajudando a manter a fluidez e a clareza na comunicação. Esses princípios, que incluem a maximização da quantidade, qualidade, relevância e modo, são essenciais para a construção de um discurso eficaz e para a facilitação da compreensão mútua entre os interlocutores. Ao observá-las, os falantes conseguem evitar mal-entendidos e criar um ambiente comunicativo mais cooperativo. No entanto, a violação (intencional ou não) dessas máximas pode revelar aspectos interessantes da interacção, como estratégias de polidez ou desvio de temas.

As máximas conversacionais são princípios descritivos do comportamento linguístico dos falantes e normas específicas de conduta linguística. Ou seja, elas descrevem os raciocínios que os alocutários fazem para interpretar os enunciados dos locutores.

As máximas conversacionais constituem a competência conversacional dos falantes, pois caso sejam descuradas podem pôr em causa a eficácia do acto comunicativo. Segundo Grice (1982) as máximas conversacionais, que regem o comportamento comunicativo dos falantes numa interacção verbal, são quatro: a máxima da qualidade, a máxima da quantidade, a máxima da relevância e a máxima do modo. Disponível em [https://www.infopedia.pt/artigos/\\$maximas-conversacionais](https://www.infopedia.pt/artigos/$maximas-conversacionais)

Grice (1975) *apud* Freitas (2025, p. 49) define as quatro máximas que regem a comunicação eficaz e que, quando violadas, prejudicam a clareza e a

cooperação entre os interlocutores. Essas máximas – qualidade, quantidade, relevância e modo – funcionam como princípios implícitos que guiam a interação, orientando os participantes a transmitir informações verídicas, suficientes, pertinentes e formuladas de maneira clara. A observância dessas máximas sustenta o entendimento mútuo e a construção de sentido na comunicação, enquanto a sua violação pode gerar implicaturas, isto é, significados subentendidos que vão além do conteúdo literal expresso.

1.3.1. Máxima da quantidade

De acordo com Freitas (2025), máxima de quantidade: presume-se que a contribuição seja informativa na medida necessária, ou seja, que forneça exactamente o que é solicitado, nem mais nem menos. Por exemplo, se alguém pergunta: “*Em qual bairro você mora?*”, a resposta ideal é apenas o nome do bairro, sem incluir outras localidades próximas.

Para Alves, Schneider e Silva (2017), máxima da quantidade deve expressar o princípio de se tentar fazer com que a sua contribuição seja tão informativa quanto o necessário, isto é, que seja nem mais nem menos informativa do que aquilo que é fundamental para os objectivos de uma interacção verbal. Para Grice (1982), um discurso repetitivo constitui uma violação desta máxima, pois acaba por sobrecarregar o enunciado de informação que se torna redundante e desnecessária.

A máxima da quantidade pode ser explicitada nos seguintes aspectos:

- faz com que a tua intervenção seja tão informativa quanto o que é esperado (dada a orientação e o objectivo da conversação); faz com que tua intervenção não seja mais informativa do que o que é esperado. Trata-se de uma máxima de informatividade, ou seja, de uma norma que diz respeito à quantidade de informação esperada que uma intervenção tenha para ser considerada adequada ao diálogo que está a decorrer.

1.3.2. Máxima da qualidade

Para Freitas (2025), máxima de qualidade: espera-se que as contribuições sejam verdadeiras e fundamentadas, garantindo que a informação seja confiável e não falsa. No exemplo da pergunta sobre o bairro, se o falante não souber o nome exacto, ele deve evitar inventar ou responder com uma informação que possa ser incorrecta. De acordo com Vieira (2022, p. 15) os participantes devem falar a verdade, ou seja, não devem dizer aquilo que acreditam ser falso ou aquilo que não possam fornecer evidência adequada.

Dizendo de outra forma, a máxima da qualidade deve expressar o princípio de que se deve tentar fazer com que a sua contribuição conversacional seja a mais verdadeira possível. A máxima da qualidade (*faz com que a tua intervenção seja verdadeira*) pode ser explicitada nos dois pontos seguintes: (a) não afirmes aquilo que pensas ser falso; (b) não afirmes uma coisa para a qual não tenhas provas.

Trata-se de uma máxima de sinceridade, enquanto atitude que esperamos da parte dos nossos interlocutores. A mentira constitui, por isso, um exemplo de desrespeito pela máxima da qualidade, porquanto o locutor afirma algo que sabe ser falso ou não corresponder à realidade objectiva e factual.

Tal como observámos a propósito da máxima da quantidade, também a desobediência à máxima da qualidade pode ter motivações comunicativas, isto é,

pode ter subjacente uma determinada intenção do locutor que torne pertinente o desrespeito por essa máxima.

1.3.3. Máxima da relevância

Para Freitas (2025), máxima de relação: pressupõe-se que a contribuição seja pertinente e adequada ao contexto da interacção, respondendo directamente ao que é solicitado. Em cada momento, a colaboração deve atender às necessidades imediatas da situação. Grice (1975), exemplifica essa máxima com o acto de fazer um bolo: se alguém pede algo para mexer os ingredientes, espera-se que o interlocutor ofereça uma colher, e não um livro ou um pano de forno, que não contribuiriam de maneira imediata para a execução da actividade.

A máxima da relevância é a seguinte: “- sê relevante”. Para Silva (2012) máxima de relevância é uma máxima de pertinência, isto é, que diz respeito à adequação das informações veiculadas ao tema da conversa. Nas conversas que desenvolvemos no dia-a-dia, geralmente procuramos fazer com que as nossas contribuições sejam relevantes. Os interlocutores, alternadamente, acrescentam mais informações sobre o tema que está a ser motivo de conversa.

Caso isso não aconteça sistematicamente, um dos locutores poderá acabar por se desinteressar pelo que o outro lhe diz. Todavia, à semelhança do que vimos a propósito das máximas da quantidade e da qualidade, há casos em que o desrespeito pela máxima da relevância tem uma determinada intenção comunicativa que o locutor espera que o seu interlocutor acabe por inferir.

1.3.4. Máxima da maneira

Para Freitas (2025, p. 49) “máxima de modo: espera-se que a contribuição seja clara e organizada, evitando ambiguidades, prolixidade e desordem. Em uma conversa, o falante deve se expressar de forma directa e compreensível”. Por exemplo, ao responder à pergunta: “Em qual bairro você mora?”, uma resposta como: “Bem... ah... deixa eu ver... perto daquele supermercado novo... na verdade, lá pra frente... segue reto na rua do supermercado... é naquele sentido” é ambígua e desordenada. Uma resposta clara e directa como “Moro no bairro X” evita confusão e facilita a compreensão.

Para Alves, Schneider e Silva (2017, p. 88) “a máxima de modo corresponde ao princípio segundo o qual a produção de contribuições seja ordenada e sem obscuridades, evitando ambiguidades ou mal entendidos...” Para Alves, Marroni e Cunha (s/d), “contrariamente a outras máximas, esta não se refere ao conteúdo proposicional do que é informado, mas ao como o que é informado é expresso”. A máxima do modo (*sê claro*) diz respeito à maneira como o locutor deve enunciar o que pretende comunicar, e pode ser dividida nos seguintes pontos: (a) evita a falta de clareza na expressão; (b) evita ser ambíguo; (c) sê breve (evitando ser prolixo); (d) sê ordenado.

Trata-se de uma máxima de clareza, de boas maneiras, de deferência para com o interlocutor; boas maneiras e deferência no sentido em que quanto mais claro, ordenado, breve e não ambíguo for a contribuição de um locutor, mais fácil será para o interlocutor interpretá-la. Uma situação comum consiste no facto de um locutor ser muito prolixo, apresentar contribuições de grande extensão, não conseguindo ser conciso e dizendo pouco por muitas palavras. Como consequência, pode acontecer que o interlocutor se desinteresse da conversa.

Segundo Grice (1982), quando se obedece às quatro máximas apresentadas, a comunicação dá-se de forma cooperativa. No entanto, como

observa o próprio autor, nem sempre respeitamos tais categorias. Às vezes o desrespeito é intencional, outras vezes é involuntário. O desrespeito involuntário às máximas pode ser resultado da falta de habilidade textual, falta de conhecimento a respeito da situação de uso, desatenção, instabilidade emocional e outros factores.

Como Silva (2012) frisou que dar as informações requeridas na quantidade certa (nem mais, nem menos); dar informações que não sejam falsas; dar informações que se adequem ao que está a ser dito e de uma forma que seja clara e compreensível para o interlocutor: eis, no essencial, algumas regras de comunicação que inconscientemente seguimos na maioria das nossas conversas e que Grice (1982) explicitou sob a forma de máximas conversacionais. Estas máximas constituem princípios gerais da comunicação que, geralmente, presidem a qualquer interacção verbal.

2. Metodologia da pesquisa, apresentação, análise e discussão dos dados

Este trabalho foi conduzido através da pesquisa bibliográfica, isto é, para a construção do presente artigo, baseou em estudos feitos por autores consagrados na área da pragmática, principalmente, os que abordam sobre máximas conversacionais, como Grice (1975, 1982).

A partir dessas teorias construiu-se um referencial teórico que ajudaram a fundamentar os dados colhidos no campo. Por outro lado, fez-se uma pesquisa do campo através de uma técnica de observação directa. Neste estudo, o autor observou o uso real de máximas conversacionais em Ximakonde, ou seja, verificou a violação de máximas conversacionais na comunicação dos falantes do Ximakonde.

Nesta secção, apresentam-se os dados recolhidos no campo através da técnica de observação directa das conversas dos falantes do Ximakonde. Vejamos as seguintes conversas entre locutores e seus interlocutores falantes do Ximakonde:

2.1. Máximas de quantidade em Ximakonde

A - *Paulo atwete mambonda mangapi?* 'Quantas abóboras levou o Paulo?'

B - *Ncece.* 'Quatro.'

Neste caso, se o Paulo levou apenas quatro abóboras, então a contribuição de B é adequadamente informativa, porque é tão informativa quanto se espera que seja e não mais do que o que é requerido por A.

Imaginemos, contudo, que o Paulo levou sete abóboras e que B sabe disso. Nesse caso, a intervenção de B é menos informativa do que é solicitado. Repare-se que B não está a mentir, porque é verdade que o Paulo levou sete abóboras.

Na verdade, a máxima da quantidade geralmente está sob nossas conversas, se um sujeito falante pergunta a outro quantas abóboras levou alguém, espera que a resposta explicito o número de todas elas, ou seja, não pode aumentar nem diminuir a quantidade exacta.

Atente-se, agora numa outra conversa:

A - *Umile wakati ncani kukaja?*

B - *Ngumile nantugu.*

'A que horas saíste de casa?'

'Sai de madrugada'.

Numa conversa informal, a resposta de B é adequadamente informativa, mesmo que ele tenha saído às cinco horas ou às duas e trinta minutos. Porém, uma resposta como esta:

B – Ngumile ng’uku ntandi ‘Sai ao primeiro cântico do galo’

Literalmente em português ‘saí o primeiro galo’ equivalente ao primeiro canto do galo. Em muitas comunidades, o primeiro canto do galo realiza-se das três horas de madrugada às três e vinte minutos. O que se subentende que tenha saído às três horas.

Esta resposta poderia ser considerada inadequada ou um exagero em termos de rigor, justamente porque B excedeu o grau de informatividade requerido. Já no diálogo seguinte, a referência ao número de segundos parece ser justificada.

A – Wakati ncani inauma Naji yuka kuNampula? ‘A que horas sai Naji para Nampula?’

B – Auma nantugu swala-swala. ‘Sai às quatro de madrugada’

Nas conversas quotidianas em Ximakonde quando se faz referência ao tempo, faz inferência dos fenómenos decorrentes nesses momentos, por exemplo na frase em B, a palavra “*swala-swala*”, referente ao chamamento realizado na mesquita para os muçulmanos que oram naquele período e geralmente ocorre às quatro horas de madrugada.

2.2. Máximas de qualidade em Ximakonde

Dados referentes a máxima de qualidade são apresentados através a seguinte conversa:

A – Ku-Montepwexi na Ku-Pemba utwala wakati ungwipi namene.

‘De Montepuez para Pemba dura muito pouco.’

B – Mwiu!

‘É verdade’!

Numa situação em que A e B sabem que a estrada é bastante danificada e o percurso é longo, o enunciado de B pode ter intenção irónica, na medida em que o que comunica não só não corresponde literalmente ao que é dito, como B pretende comunicar precisamente o inverso do que o seu enunciado exprime (isto é, que A “não é verdade” em confirmar muito pouco tempo percorrido de Montepuez a Pemba). B desrespeita, portanto, a máxima da qualidade, pois confirma algo em que não acredita.

Por que é que A conclui que B está a ser irónico? Porque ambos partilham alguns conhecimentos de base: que aquela estrada se caracteriza por estar danificada e longa, e justamente, o percurso de Montepuez leva mais tempo por conta da longa distância e péssimas condições de via de acesso. Portanto, nesta conversa verifica-se uma violação de máximas de qualidade.

2.3.Máximas de relevância em Ximakonde

Por exemplo, numa conversa observada de jovens falantes do Ximakonde:

A - *Vandida vajeni pakaja.*

‘Chegaram hóspedes à casa’

B - *Antoni andyuka kuxikola?*

‘O António foi à escola?’

Os enunciados de B não constituem uma sequência que venha a propósito do assunto que está a ser tratado. Logo, a máxima da relação foi, neste caso, desrespeitada. Mas B fê-lo intencionalmente.

Em outras palavras, se o falante A, sabe que o falante B continua a respeitar o princípio da cooperação, então pode inferir que o discurso do falante B fê-lo porque, intencionalmente, pretendeu mudar de assunto. Assim sendo, o discurso do falante B viola a máxima de relevância.

2.4.Máximas de maneira em Ximakonde

A - *Ing'ande imwe Miguel ive iberu ya kuNepala, yambone namene kanji vankudenga vila, vankwikala vajungu, vanao madengolawo kuxuma majanga.*

‘A casa do Miguel localiza-se no bairro de Nepara, é muito bonita, mas até agora está em construção, vivem brancos, eles compram pedras’.

Neste discurso, verifica-se menos clareza no fornecimento da informação sobre a localização da casa do Miguel. Esta informação é difusa na medida em que não se percebe o que se quer transmitir. Ou na casa do Miguel compra-se pedras já que ainda está em construção, ou na casa do Miguel vivem brancos que compram pedras. Outro exemplo que viola a máxima de maneira.

A - *Pakulanga mang'anyola tulye.*

‘Sirvam milho cozido para comer’

A intenção comunicativa do enunciado proferido por A é de que alguém sirva arroz, mas neste caso vai-se comer arroz apenas, ou seja, não tem caril nem ingredientes. O discurso viola a máxima da maneira porque é ambíguo.

Conclusão

A partir da análise das máximas conversacionais propostas por Grice (1982), podemos concluir que esses princípios são fundamentais para a eficácia da comunicação interpessoal. As máximas da quantidade, qualidade, relevância e maneira estabelecem directrizes que orientam os interlocutores a contribuir de maneira informativa, verdadeira, pertinente e clara durante uma conversa. Quando essas normas são respeitadas, facilitam a compreensão mútua e fortalecem a cooperação comunicativa.

No entanto, como se observou, há momentos em que ocorre o desrespeito intencional ou involuntário dessas máximas, muitas vezes devido a motivos comunicativos específicos ou a circunstâncias emocionais e contextuais. Assim, entender e aplicar essas máximas não apenas melhora a qualidade da comunicação, mas também promove um ambiente de interação mais eficaz e satisfatório para todos os participantes. Portanto, os objectivos traçados na medida em que foram recolhidos os dados nas conversas observadas e posteriormente foram descritas ao longo do presente artigo. Igualmente ficou

clara a importância do uso das máximas conversacionais na comunicação do dia-a-dia.

Como se fez a referência, o trabalho visa identificar as máximas conversacionais usadas presentes nas interações entre do Ximakonde; descrever o funcionamento das máximas conversacionais em contextos de uso real em Ximakonde; explicar a importância do uso de máximas conversacionais na comunicação em Ximakonde, estes objectivos foram alcançados através da pesquisa bibliográfica, a partir da leitura e análise das teorias de Grice (1975 e 1982) e observação directa dos falantes do Ximakonde, conforme se pode aferir ao longo do texto nas secções de revisão da literatura e apresentação, análise e discussão de dados.

Referências

- A ALVES, K. P; SCHNEIDER, M. S. P. S. & SILVA, G. Discursos de Mídia e Discurso Político: análise das máximas conversacionais comparadas. **Revista Desafios**. Porto Nacional. vol. 4, n.º 4., 2017, p.88-92. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2359-3652.2017v4n4p84>. Acesso em: 03mai.2025.
- ALVES, C.; MARRONI, F. V. & CUNHA, A. P. A. **As Máximas de Grice e o Processo de Escrita**. Pelotas: UCPEL, (s/d).
- FREITAS, M. S. **Máximas Conversacionais Direccionadas ao Trabalho de Face em Depoimentos da CPI da COVID-19**. 2025, n. 141, (Dissertação). Três Lagoas, 2025.
- GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, P. & MORGAN, J. L. (Eds.). **Syntax and semantics**. New York: Academic Press, 1975, p.41-58.
- GRICE, H. P. **Lógica e conversação**. In: DASCAL, M. (Org.). **Fundamentos metodológicos da linguística**. Vol. IV: Pragmática. Campinas: Unicamp, 1982, p.49-67.
- MPIUKA, D. & LIPHOLA, M. **Pequeno Dicionário Makonde-Português e Português-Makonde**. Maputo: Associação Progresso, 2013.
- REGO, S. V. **Descrição sistémico-funcional da gramática do modo oracional das orações em nyungwe**. 2012. Tese (Doutorado)-Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.
- SILVA, P. N. **Manual de Técnicas de Expressão e Comunicação II**. 2012, p.6-46. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/303045638.pdf>. Acesso em: 04/05/2025.
- VIEIRA, R. G. **A violação de máximas conversacionais em Terinhas de Armandinho**. Trabalho de conclusão do curso de licenciatura em Letras. Sousa: Instituto Federal Paraiba, 2022.

Para citar este artigo: LIONGA, Valentim David. *AXÉUNILAB: Revista Internacional de Estudos de Linguagens na Lusofonia*. São Francisco do Conde (BA), vol.01, nº01, p.44-53, jan./jun. 2025. (Editores: Abias Alberto Catito -UEFS & Maurício Bernardo-UEFS ** Coordenação:Alexandre António Timbane).

Valentim David Lionga, Licenciado pela Universidade Pedagógica, Curso de Língua Portuguesa com habilidade em Ensino do Inglês. É formador no IFP-Montepuez e mestrando em Linguística bantu na Universidade Rovuma, Instituto de Recursos Naturais e Ambiente. Formado em Ensino de Inglês para Ensino Básico. E-mail: valentimlionga@gmail.com